

SECCIÓN DE POÉTICAS



AISLENE LOPES (25 anos)

Ouro Fino - Minas Gerais

Membro e uma das fundadoras do

SLAM DE LA FRONTERA.

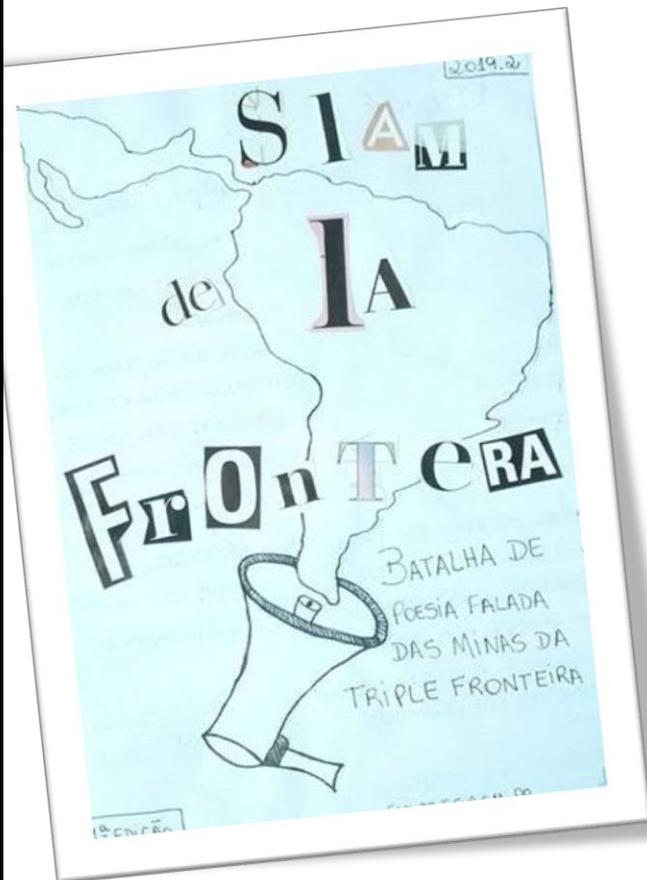
Discente do curso de História- Licenciatura

ABOLIÇÃO

Eu tô vendo meus irmãos e muito sangue no chão.
Toda hora tem uma notícia de preto indo pro caixão.
Só pra alimentar, a sede de sangue do barão.
Que fala para preto pobre não reclamar não.
Porque o lugar de vagabundo é na prisão
Acabo ficando sem ação
Vendo o que acontece com preto pobre por aqui, meu irmão
Milhões na multidão na busca pelo pão
Sendo escravos na falsa abolição
Esperando a salvação do branco barão
Que acumula seus milhões
Nas custas dos pretos
Que ainda vivem com grilhões.
Nessa falsa abolição.

PIADA

A imagem do meu corpo
É apenas um esboço sem rosto
Que faz PM, “confundir” guarda chuvas
Com fuzil e matar garçom no Rio
Corpos Pretos na vala
Sem alma, sem cara
Enquanto você faz piada
Falando que é mimimi
O que a gente passa.
Tem criança preta
Levando bala, na cabeça
Nas costa
E na cara
E depois nos jogam em covas rasas.
Mães pretas arrasadas.
Somos muitas
DANDARAs, ESPANCADAs
CLAUDIAs, ARRASTADAs
MARIELLEs, ALVEJADAs
MATHEUSAs, ESQUARTEJAs
E até a pequena AGHATA.
Vocês querem todas as nossas almas?
Essa sede por sangue de preto não acaba?
Olha bem pra minha cara, e ve se eu estou dando risada.



MENINAS NEGRAS NÃO BRINCAM COM BONECAS PRETAS

Sempre amei o que eu era, até uma certa idade.
Porém, quando iniciei na pré-escola, me iniciei no “mundo”.
Começaram de uma maneira massiva a me forçar acreditar que eu não era nada,
Que eu não poderia me amar e nem os iguais a mim.
Enfim, eu já não gostava mais de mim,
Sentia ódio do meu corpo, da minha estética e de tudo
Aquilo que ela representava.
Também, comecei a odiar tudo aquilo que eu pensava, criava ou sentia.
Uma criança tão pequenina, com um ódio tão grande em seu coração.
Eu mal entendia o que era “RACISMO”,
Mas já o sentia de uma forma tão esmagadora.
Que eu já não tinha mais forças, e minhas únicas reações eram apenas,
Medo, tristeza, solidão e muito ódio no coração.
Cercada de pessoas, mas ao mesmo tempo tão sozinha.
Há como me doía e ainda dói.
Algumas perguntas eram frequentes em minha cabeça.
“Por que eu?” “O que eu fiz para estar passando por isso?”, “O DEUS, será que é só eu que passo por isso?”, “porque eu tenho esse cabelo?”, “Por que eu tenho essa pele?”, “DEUS você está me castigando, porque fiz algo que te entristeceu?”.
Essas eram perguntas constantes, na cabeça de uma pequena menina negra,
Que não brincava com bonecas pretas.
Eu não sabia entender ou explicar a palavra “AMOR”, mas o ódio.
Há o ódio, eu sabia explicar, eu sentia, eu o vivia todos os dias.
O racismo é tão funcional, que se torna natural
O ódio que eu sentia, não era das pessoas que eu via ou que me oprimia
Mas de mim mesma, eu já estava contaminada pelo vírus do Racismo,
e o seu primeiro sintoma é o “ÓDIO”, de si mesmo e dos iguais a você.

MAINHA

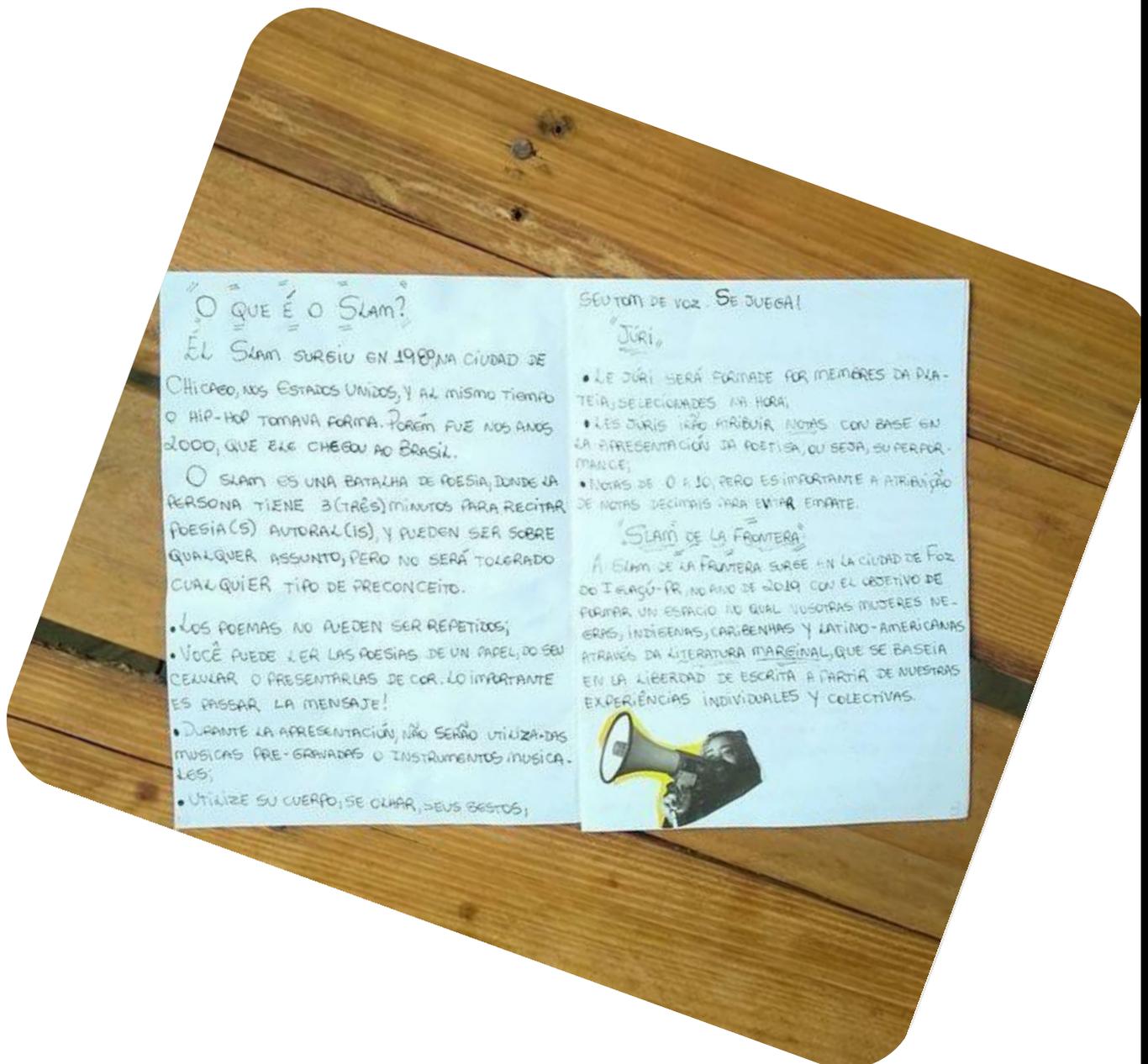
Se eu morresse hoje?
Não haveria mais vida no meu corpo
Se eu morresse hoje?
Eu não saberia mais o gosto da vida
Ou daquele almoço
Se eu morresse hoje?
Amanhã eu já seria osso?
Se eu morresse hoje?
A luta do meu povo ceis jogaria no esgoto?
Se eu morresse hoje?
As rimas que falam da minha vida
Seria apenas um esboço?
Se eu morresse hoje?
Eu não me lembraria dos manos e minas
E daquelas rimas que salvaram vidas?
Se eu morresse hoje?
Meus sonhos morreriam hoje.
Se eu morresse hoje?
Eu não poderia mais cantar,
Há como eu amo cantar...
Se eu morresse hoje?
Minha casa não seria mais meu lar.
Se eu morresse hoje?
Eu não poderia mais viajar
E ver grandeza do mar.
Se eu morresse hoje?
Eu não poderia mais amar?

Eu vou amar,
Eu vou me lembrar de cada pessoa que eu amei,
Dos beijos que eu dei.
Das saudades que eu deixei
Pois cada semente de amor que eu plantei,
Nunca me esquecerei.
E se um dia eu chegar a ser Rainha.
Será tudo para minha mainha.
Pois ela é minha coroa e minha Rainha,
E nunca me deixa sozinha.
Sempre acreditou em mim desde menininha
Devo tudo a minha RAINHA.
Por isso se eu morrer hoje,
Morro sabendo que não vivi sozinha.
E que o amor foi o meu guia,
Me iluminando até
Nos meus piores dias.
Então, vivo sem crise
Pois se eu morrer Hoje?
O amor que eu criei vive.

O que é o Slam?

O Slam surgiu em 1980, na cidade de Chicago, EEUU, al mesmo tempo que el Hip-Hop tomava forma. Porém, fue en 2000 que ele chegou no Brasil.

O Slam é uma batalha de poesia, donde la persona tiene 3(três) minutos para recitar poesía(s) autoral(es), y puede ser sobre cualquier assunto, pero no será tolerado cualquier tipo de preconceito.



SLAM DE LA FRONTERA